

FIGURAS DE ESTILO NO TEXTO HUMORÍSTICO DE JOSÉ SIMÃO*

Márcia Cristina Zimmer**
PUCRS

INTRODUÇÃO

O texto humorístico, amplamente disseminado nas crônicas jornalísticas e televisivas nos últimos anos, popularizou-se ainda com maior intensidade na crítica a programas de televisão feita por José Simão no jornal Folha de São Paulo. O texto deste jornalista apresenta uma variedade de recursos lingüísticos empregados para a obtenção do humor, tais como: a exploração polissêmica, os neologismos, as figuras de estilo, a repetição. O objetivo deste trabalho é apontar, dentre os diversos recursos citados, as figuras de estilo mais recorrentes na crônica de Simão, analisando a maneira como são utilizadas para provocar o humor.

Apesar da crescente popularização das colunas humorísticas em geral, poucos se perguntam, como Raskin (1987a), "O que é engraçado?". Dada a repercussão do texto de José Simão, cujo humor provém, em grande parte, de sua profunda competência textual, acredita-se que uma investigação de natureza lingüística auxilie profissionais da linguagem a enxergar esse 'o quê'. Não obstante a amplitude que poderia ter um estudo de natureza estritamente lingüística, este trabalho deter-se-á apenas no estudo das figuras de estilo, para, numa futura abordagem, proceder-se à análise do texto deste autor de acordo com a teoria semântica do humor baseada em *scripts*, de Raskin (1987a).

Importa salientar, por outro lado, que o texto de José Simão pode ser transformado num material criativo para o ensino e a análise de, senão todas, um grande número de figuras de linguagem.

Para uma investigação dessas figuras, o presente trabalho subdivide-se em duas seções, que abordam: a) alguns estudos sobre humor realizados por lingüistas; b) a análise das figuras estilísticas presentes em oito crônicas publicadas na Folha de São Paulo em dias variados do mês de março e

* Este trabalho foi produzido pela autora, como bolsista do PET-CAPES, sob a orientação da Professora Maria Tasca, no Instituto de Letras e Artes da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

** A autora é aluna do nível V do Curso de Letras.

junho de 1993, tendo como suporte teórico estudos de Fernández (1979) sobre figuras estilísticas e tropos.

a) Alguns estudos sobre o humor feitos por lingüistas

O humor, por ser uma faculdade humana básica presente nos mais diversos contextos do convívio social, tem sido objeto de estudo dos mais variados campos do conhecimento humano, como a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia, a Psicanálise, a Teoria Literária, a Lingüística, entre outros. Este grande interesse multidisciplinar advém, segundo Raskin (1987), do fato de que "o humor é um fenômeno complexo e multifacetado". A definição de Travaglia (1990) demonstra o porquê desse interesse:

"O humor é uma atividade ou faculdade humana cuja importância se deduz de sua enorme presença e disseminação em todas as áreas da vida humana, com funções que ultrapassam o simples fazer rir. Ele é uma espécie de arma de denúncia, de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico: uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios."

Dentre as várias possibilidades de estudo do humor, destaca-se, como foi referido, a abordagem lingüística. Estudiosos como Johnson (apud Travaglia, 1990), Nash (apud Travaglia, 1985), Raskin (op. cit.), Travaglia (op. cit.), Escarpit (apud Travaglia, 1990), além de muitos outros, apresentaram as mais variadas teorias sobre os aspectos que eles consideraram mais relevantes a serem estudados na análise do humor pela Lingüística.

Johnson (apud Travaglia, 1990), com a sua *teoria da bissociação*, forneceu subsídios para o estudo dos mecanismos através dos quais o humor se realiza, que, de uma forma ou de outra, foram incorporados na teoria dos lingüistas citados acima. De acordo com a teoria de Johnson, o humor se realiza pelo contato entre dois campos de significado diferentes um do outro, contato esse que cria um outro campo de significado. A apreensão destes campos de significado origina um paradoxo lógico, ou seja, a criação humorística em si mesma. Travaglia (1990), ao comentar o paradoxo lógico em Johnson, afirma: "O paradoxo lógico veiculado pelo humor é um conflito conceitual, um significante de conflito potencial que normalmente é visto como resolvendo a si mesmo." Verificaremos adiante que tanto Escarpit como Raskin apresentam, em suas teorias, a bissociação.

Para Escarpit (apud Travaglia, 1990), há duas fases principais no humor, que são a 'intelectual crítica' e a 'afetiva'. Na primeira, estabelece-se a ironia com a passagem do sério para o não-sério, onde o mundo real é negado pelo humorista de n maneiras. Na segunda, ocorre a *afirmação* do

mundo real através do "pulo humorístico", quando o humorista convida seu interlocutor/leitor a sair do mundo absurdo, seja em busca de engajamento político, segurança, ou de superioridade e simpatia humana. Raskin (1987a), em sua teoria semântica de humor baseada em *scripts*, postula que um texto pode ser caracterizado como uma piada se duas condições forem preenchidas: a) que o texto seja compatível, inteira ou parcialmente, com dois diferentes *scripts*; b) que os dois *scripts* com os quais o texto é compatível sejam opostos de um modo especial. A partir da colocação dessas duas condições, Raskin vai adiante, estabelecendo cinco componentes que, segundo ele, devem estar presentes num texto piadístico ou chistoso e que, por constituírem o cerne da sua teoria lingüística de análise semântica do humor, serão trabalhados extensivamente na análise do texto de Simão em um futuro artigo. Por ora, basta apenas frisar que, através das características teóricas de Escarpit e Raskin brevemente expostas neste trabalho, pode-se situá-los na teoria da mediação ou bissociação de Johnson.

Nash (1985, apud Travaglia – 1990), dentro da teoria da bissociação, propõe que se transponha o estudo de piadas curtas ou ditos chistosos, analisando-se, também, o texto humorístico longo, cujo mecanismo básico seria o mesmo do texto curto. Segundo ele, para que o humor funcione é necessário que, além do conhecimento de mundo partilhado, haja "um contexto com uma ambigüidade latente e uma reversão para que o riso ocorra". Nash investiga também o efeito, no texto humorístico, "de elementos tais como rima, aliteração, dicção, sintaxe, estilo e tópico", além de tropos, como a 'super afirmação' – dizer em exagero (*overstatement*), a 'sub-afirmação' – dizer incompleto (*understatement*) e a contra-afirmação – dizer o contrário (*counterstatement*). É precisamente sobre estes aspectos concernentes a estilo e tropos do estudo de Nash que nos debruçaremos neste primeiro artigo, dentro da proposta inicial de estudo das figuras estilísticas no texto de Simão.

Como já foi dito, para examinar algumas figuras de estilo mencionadas por Nash (op. cit.), proceder-se-á, na seção seguinte, à análise das crônicas de Simão a partir de estudos feitos nesta área por Fernández (1979).

Segundo este autor a linguagem figurada é aquela que emprega figuras estilísticas, que se subdividem em figuras de dicção e figuras de pensamento. As primeiras se baseiam na colocação especial das palavras, de modo que, se for alterada a ordem, desaparece a figura. As segundas emanam do assunto e das idéias, não dependendo tanto da forma lingüística como as figuras de dicção. Devido à recorrência de figuras de dicção na crônica de José Simão, a seção seguinte deter-se-á no estudo de cinco figuras desta natureza.

b) Análise de figuras de dicção presentes na crônica de Simão

Nesta seção serão analisadas cinco figuras de dicção: a paronomásia, a similitudência, o calambur, a zeugma, e o equívoco, que, ao serem empregadas por José Simão, contribuem para a construção do humor nas oito crônicas analisadas.

1. **paronomásia** – é um jogo de letras que consiste em reunir sons de pronúncia parecida, os quais, ao diferirem em alguma letra, conferem uma significação diferente à palavra. O emprego desta figura de estilo obriga o ouvinte ou o leitor a um esforço intelectual, e se presta para o chiste e para a sátira.

Ex:

- "Patrícia Franga" (Patrícia França), "Benedito Ruym Barbosa" (Benedito Ruy Barbosa), "Tony Erramos" (Tony Ramos).
- "E a Patrícia Franga, em vez de dançar o bumba-meu-boi, devia dançar o *bumba-meu-boy*."
- "Tá no ar e nas telas mais uma *calúnia* do Macaco Simão!" (coluna do jornal)
- "Ai Minha Santa Feminista Simone de *Peignoir*!" (Simone de Beauvoir).
- "E o Jô Soares disse que não estamos na Bósnia, estamos na *Méria*."
- "O que há na cabeça do Itamar? *Julzo* de Fora." (Juiz de Fora)
- "Eu vejo aquele programa bem barra pesada chamado 'Geraldo' nos Estados Unidos e agora vejo no *SBesTeira*!" (SBT)

2. **similitudência** – é a cadência, rima igual dentro de um mesmo verso ou frase. Nos exemplos abaixo, as rimas estão grifadas.

Ex:

- "*Bom-dia*, flor do *dia*!" Essa é a frase de abertura da maioria das crônicas de José Simão, presente em cinco das oito crônicas analisadas.
- "Acabei de aplicar o esparadrapo pra parar de fumar. Aquele que contém nicotina, o Nicotinell. Aplique *Nicotinell* e vá pro *Pinel*!"
- "Errar é *humano*, persistir no erro é *alagoano*."

3. **calambur (cacofonia)** – trata-se da mudança de significado obtida quando se agrupa de outro modo as sílabas das palavras.

Ex:

- "Porque tem uma amiga que atende pelo nome de d. Furiko Navarra. *Navara* tudo zunto." (na vara)
- "As cobras acordam cedo. E ficam ensebando na cama, esperando as outras acordarem. Pra trocar umas *picaduras*."
- "E adorei o patrocínio do show do Pavarotti no Central Park: O Pavarotti canta e a *Parmalat*!" (O Pavarotti canta e a Parma late)

d) "E sabe quais os maiores atributos da (revista) *Sexy*? *Sei-os!* De fora!" (seios)

e) "O Benedito já não é mais Ruym Barbosa. É Bom Barbosa. Benedito **Bom Barbosa**." (bomba)

4. **zeugma ou adjunção** – é uma espécie de eclipse que ocorre quando um vocábulo relacionado com dois ou mais membros da frase está expresso em um deles, e subentendido nos demais. Segundo Fernández, esse é um recurso encontrado em abundância na literatura cômica.

No texto de Simão tem-se o exemplo: "Não se nasce mulher. *Torna-se*! É verdade. As drags que o digam! As travecas e as drag queens são exemplos vivos de que não se nasce mulher, *torna-se*. É só caprichar na peruca e no salto 15."

5. **Equívoco ou dislogia** – consiste no emprego de vocábulos de duplo sentido. É outra figura rica em possibilidades cômicas, pois joga com os *homófonos* (palavras cujo som é idêntico, mas a grafia e o significado são diferentes) e os *homógrafos* (palavras de grafia idêntica e significado diverso).

Ex:

a) "E a câmera pega de baixo para cima. (...) E cortes, muitos cortes, cortes rápidos, cortes. Tem mais cortes que nas caras daquelas dondocas que foram esfaqueadas por Pitanguy!" Neste exemplo, o sentido da palavra "cortes" (com o significado de trecho de filme) é alterado na última sentença, quando "cortes" significa talhos cirúrgicos, causando um efeito de comicidade.

b) "E diz que tem lá (na festa da revista *Sexy*) uma nadadora: nada de frente e nada de costas." Aqui o verbo nadar foi substituído pelo pronome indefinido 'nada'.

c) "E aí na festa da campanha da camisinha logo na entrada me deram um *broche*. E sabe o que estava escrito no *broche*? Não *brochel*!" Nas duas primeiras sentenças, "broche" significa enfeite ou adorno com dizes, ao passo que, na terceira frase, "broche" é usado como verbo, no imperativo negativo.

d) "E Fujimore na boca do povo! E me desculpe a comunidade japonesa, mas não é um contra-senso um japonês engrandecer o Peru?" Neste exemplo, Simão faz um trocadilho entre o país Peru e o órgão sexual masculino, tornando ambígua a declaração de Fujimori (que é ditador do Peru e tem ascendência japonesa) de que engrandecia o país. Esse jogo de palavras é tão explícito que Simão chega a comentá-lo na mesma crônica: "E me desculpem os japoneses, mas o humorista tem culpa de o país se chamar Peru e o ditador ser japonês?"

As figuras de dicção apontadas acima foram as mais representativas encontradas nas crônicas de José Simão, analisadas para a elaboração deste pequeno e introdutório estudo.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi analisar o uso das figuras de estilo mais frequentemente utilizadas nas crônicas de José Simão no processo humorístico.

Depois de uma breve abordagem de alguns estudos feitos por linguistas no campo do humor, procedeu-se à análise de oito crônicas simonescas, partindo-se de conceitos estabelecidos por Fernández no que se refere a figuras de dicção, que foram as mais incidentes na crônica simonescas.

Cinco figuras de dicção foram observadas nas colunas jornalísticas coletadas: a paranomásia, a similicadência, o calambur, a zeugma e o equívoco. O emprego destas figuras, reordenando os componentes lingüísticos, cria efeitos muito especiais, produzindo um tipo incomum de humor.

Dada a natureza multifacetada do humor simonesco, não se pode atribuir às figuras de dicção aqui abordadas a concretização do cômico em José Simão. Devido a esse fato, proceder-se-á, num próximo estudo, a uma análise mais estritamente semântica do texto deste autor, que partirá da teoria semântica do humor baseada em *scripts* (Raskin, 1987a).

É preciso salientar, também, que, dada a comicidade e a criatividade presentes nas crônicas de José Simão, essas seriam de grande utilidade para o ensino das figuras de estilo, em geral, e das figuras de dicção, em particular. Espera-se que esse trabalho tenha contribuído para o conhecimento de alguns recursos estilísticos utilizados para a produção do humor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERNÁNDEZ, Pelayo H. *Estilística*. Madri: Ediciones Ensayos, 1981, p. 31-56.
POSSENTI, Siro. Pelo Humor da Lingüística. *D.E.L.T.A.*, v. 7 n. 2, p. 451-519, 1991.
RASKIN, Victor. Linguistics heuristics of humor: a script-based semantic approach. *International Journal of the sociology of language*, n. 65, p. 11-25, 1987.
TRAVAGLIA, Luis Carlos. Uma Introdução ao Estudo do Humor na Lingüística. *D.E.L.T.A.*, v. 6, n. 1, p. 55-82, 1990.

AGENDA PUCRS

Boletim Informativo interno da PUCRS - Bimestral

MUNDO JOVEM

Jornal de idéias reflexões para jovens, vinculado ao Instituto de Teologia e Ciências Religiosas - Mensal

PUCRS - INFORMAÇÃO

Boletim Informativo - Bimestral

LETRAS DE HOJE

Revista de estudos de Lingüística, Literatura e Língua Portuguesa - Trimestral

TEOCOMUNICAÇÃO

Revista de estudos de Teologia, Filosofia e áreas afins,
Órgão de comunicação do Instituto de Teologia - Trimestral

VERITAS

Revista de Filosofia e Ciências Humanas - Trimestral

ANÁLISE

Revista da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas - Semestral

BRASIL/BRAZIL

Revista de Literatura Brasileira e Literatura Comparada
Editada pela PUCRS, Brown University e Editora Mercado Aberto - Semestral

BIOCIÊNCIAS

Editada pelo Instituto de Biociências - Semestral

EDUCAÇÃO

Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação - Semestral

ODONTOCIÊNCIA

Revista da Faculdade de Odontologia - Semestral

PSICO

Revista especializada em Psicologia - Semestral

COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS

Anual

DIREITO & JUSTIÇA

Revista da Faculdade de Direito - Sem Periodicidade

ESTUDOS IBERO-AMERICANOS

Revista de estudos sobre História e a Literatura Ibero-Americana,
do Curso de Pós-Graduação em História - Semestral

REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS

Editada pela Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria -
Sem Periodicidade